



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II A PORTUGAL

(10-13 DE MAIO DE 1991)

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA ILHA DA TERCEIRA EM AÇORES

HOMILIA DO SANTO PADRE

Angra do Heroísmo (Terceira - Açores)

Sábado, 11 de Maio de 1991

“Eis que se lhes abrirem os olhos e O reconheceram” (Lc 24, 31).

1. No Tempo Pascal, a Igreja volta frequentemente ao Caminho de Emaús. Hoje, aqui nos Açores, a Liturgia também lá nos conduz: as palavras do Evangelista ajudam-nos a recordar o momento em que *os nossos olhos também se abrirem* e reconheceram Jesus Cristo. Já lá vão cinco séculos, queridos irmãos e irmãs, desde quando antepassados vossos, discípulos de Jesus, demandaram e povoaram estas ilhas prolongando até aqui o Caminho de Emaús, com o Senhor Ressuscitado a servir de rumo, Verdade e Mestre da sua aventura, repassada do drama e da glória da Cruz. Também aqui reconheceram Jesus, ao partir do pão. Este conhecimento foi depois transmitido de geração em geração, através das famílias e comunidades cristãs que aqui lançaram raízes.

Um sentimento de viva gratidão se eleva a Deus no meu coração, por finalmente me ter sido possível ver-vos e percorrer convosco este Caminho de Emaús, com o seu ponto mais alto na Eucaristia. Uma saudação agradecida às autoridades presentes, particularmente ao Senhor Presidente da República e aos Órgãos do Poder Regional, e a toda a gente que habita nesta Região Autónoma dos Açores, no meio do Oceano Atlântico. Um abraço, com particular afecto, ao Senhor Bispo, Dom Aurélio, a quem exprimo viva gratidão quer pelo convite que me fez para vos visitar, quer pelas cordiais palavras com que, há momentos, interpretou os vossos sentimentos e anseios. Uma saudação cordial e fraterna a todos vós, queridos açorianos, que

saístes das vossas casas para me acolher e a quantos, perto ou longe, nos seguem pelos meios de comunicação social. Em vós, saúdo os herdeiros do *património espiritual e cultural que a fé em Cristo Ressuscitado*, ao longo das gerações, foi embebendo sempre mais da graça do Evangelho, e que, neste dia, vos exorto a preservar, colocando-o como fermento do Reino de Deus, na cidade dos homens.

2. O episódio de Emaús prova como *a verdade da ressurreição a custo abria caminho*, mesmo na mentalidade daqueles que eram discípulos de Cristo. Saíram de Jerusalém, “conversando entre si sobre tudo o que sucedera” (Lc 24, 14); e tudo o que se tinha passado enchia-os de tristeza e de profunda desilusão. “*Nós esperávamos que fosse Ele Quem iria libertar Israel...*” (Ibid. 24, 21). As esperanças que nutriam a respeito de Jesus de Nazaré estavam confinadas a este mundo. O mesmo sentiam também todos quantos viviam à sua volta. A situação da sua pátria, dominada então pelos romanos, levava-os a ver deste modo a missão do Messias: será Ele quem libertará Israel do opressor estrangeiro. Esperavam isto de Jesus, porque tinham visto a força divina que poderosamente se revelara nas Suas obras e palavras.

Não pensavam porventura do mesmo modo as autoridades da Nação? Basta recordar a reunião do Sinédrio que aprovou a decisão de condenar Jesus à morte: Este revelava-se um perigo para eles, porque poderia motivar uma desastrosa intervenção do poder romano. “É melhor que morra um só homem pelo povo, e não pereça a Nação inteira” (Jo 11, 50)!

3. Conversando com os discípulos, que não O reconheceram quando se pôs a caminho com eles, *Cristo procura em primeiro lugar modificar o seu modo de pensar puramente humano*. Para isso, invoca “a Palavra dos Profetas” (Cfr. Lc 24, 25), a partir de Moisés. O Antigo Testamento mostra que era necessário que o Messias “sofresse essas coisas, para entrar na sua glória” (Ibidem 24, 26). As Escrituras Sagradas contêm a Palavra de Deus: procurai entender os acontecimentos dos últimos dias, à luz desta Palavra; não procureis aplicar-lhes a própria interpretação humana.

A Palavra de Deus prenunciou o Messias como o Servo Sofredor, sobre Quem pesarão os pecados de todos os homens. Este sofrimento expiatório, levado à sua dimensão extrema, na Cruz do Gólgota, é o cumprimento pleno da Palavra de Deus, exarada no Antigo Testamento: era preciso que suportasse todos estes sofrimentos, para entrar na sua glória.

Qual é a glória do Messias crucificado? É a glória da ressurreição dos mortos, ao terceiro dia; é a glória do triunfo sobre a morte e sobre o pecado. Cristo vive já na glória, mesmo que os olhos dos discípulos se mostrem incapazes de O reconhecerem.

Esta situação de cegueira, nos discípulos de Emaús, prolonga-se até ao momento em que - acedendo às suas instantes súplicas para que ficasse com eles - o Senhor entrou, sentou-se à mesa e com eles partiu o pão. “*E eis que se lhes abriram os olhos e O reconheceram*” (Ibidem 24, 31)! Dão-se conta então que tinham estado a conversar com Jesus Ressuscitado; e disseram um

para o outro: “Não estava o nosso coração a arder cá dentro, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras” (*Ibid.* 24, 32)?

4. No episódio dos discípulos de Emaús manifesta-se *a própria essência da vida da Igreja: esta vive da Eucaristia e da Palavra de Deus*. A Palavra de Deus é preparação para viver mais profundamente a Eucaristia; a Eucaristia constitui o Sacramento “dos olhos da fé abertos” ao mistério de Deus, revelado em Cristo. Estes “olhos da fé abertos” aos horizontes e planos de Deus vos permitirão compreender e desempenhar cabalmente a vossa vocação e missão ao serviço de Cristo no mundo; vos desvendarão a tarefa e o lugar que vos compete como artífices e colaboradores de Deus na construção do Seu Reino sobre a terra.

Irmãs e irmãos caríssimos, encorajo-vos a que vos torneis membros cada vez mais activos da vossa Comunidade eclesial. Correspondereis assim à vossa vocação de cristãos que reflectem e aprofundam os fundamentos da sua fé. As tarefas que pesam sobre os cristãos deste tempo são consideráveis: é preciso *que todos nos unamos para dar ao mundo um testemunho credível do Evangelho*, para manifestar visivelmente a comunhão à qual Cristo chama os membros do Seu Corpo.

A narração do episódio de Emaús termina com o regresso dos dois discípulos ao Cenáculo. Eles que, desiludidos, haviam abandonado a comunidade, “partiram imediatamente, voltaram para Jerusalém e *encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros... e eles contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho...*” (*Lc* 24, 33. 35). Aqueles corações abrasados têm agora tanto para contar, tanto para oferecer! Dos cristãos de hoje se espera este mesmo intercâmbio de vidas. Nesta conformidade faço ardentes votos por que o vosso *Congresso Diocesano de Leigos*, em meados do próximo ano, seja a reprodução fiel deste final da caminhada para Emaús, trocando energias e meios, para vos empenhardes juntos na missão única e comum de anunciar e viver o Evangelho.

5. Queridos fiéis leigos, tendes uma vocação própria que não se esgota no cumprimento das obrigações mínimas de baptizados. Esta é a vossa *missão de fiéis leigos*: ser o sal, a luz, a alma do mundo. Sois pais e mães de família, operários, professores, estudantes, lavradores, pescadores, ou empregados em qualquer outra profissão. Assim vivem e trabalham todos os demais homens e mulheres; só que, ao realizardes a vossa missão, procurais dar-lhe uma abertura para a eternidade, cumprir nela a vontade de Deus, fazê-la levedar segundo o Reino dos Céus, e colocá-la ao serviço do homem a fim de conseguir chegar àquela plenitude que lhe vem de Cristo, *superando a ruptura entre o Evangelho e a vida*. Com efeito “a síntese vital que os fiéis leigos souberem fazer entre o Evangelho e os deveres quotidianos da vida será o testemunho mais maravilhoso e convincente de que não é o medo, mas a procura e adesão a Cristo, que são o factor determinante para que o homem viva e cresça feliz, e para que se alcancem novas formas de viver mais conformes à dignidade humana” (*Christifidelis Laici*, 34).

Face ao progresso material que tende a apagar a voz e o apelo do espírito, reafirmai a vossa tradição rica de experiência humana e de sabedoria cristã. Penso no papel fundamental da família, no respeito pelos idosos, no cuidado dos doentes, no acolhimento e na solidariedade mútua; penso, sobretudo, na educação cristã, na oração em família, na recitação diária do terço nos vossos lares... Este património humano e cristão já plasmou gerações inteiras e gerou vidas santas. Recordemos o Padroeiro da vossa Diocese, o Beato João Baptista Machado, baptizado na Sé Catedral de Angra; no Japão, anunciou o Evangelho e aí deu o testemunho do martírio, em 1617. Como não evocar ainda o Irmão Bento de Góis, também ele açoriano, e as suas viagens de autêntico pioneiro nas terras misteriosas do Tibet?

6. O sucedido no Caminho de Emaús pode ser visto como introdução àquilo que a primeira Leitura da Liturgia de hoje, tirada dos *Actos dos Apóstolos*, nos diz sobre a vida da primitiva comunidade cristã de Jerusalém: “*Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos... à fracção do pão e às orações*” (At 2, 42).

Esta comunidade formou-se depois do dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo abriu os olhos e o coração, primeiramente aos próprios Apóstolos e em seguida, pelo seu testemunho, aos novos discípulos de Cristo. Deles se diz: “*Viviam unidos... vendiam terras e outros bens, e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um*” (*Ibidem* 2, 44. 45). Impelidos pela mensagem social do Evangelho, eles distribuíam os seus bens pelos pobres, convencidos de que as palavras do Senhor - “*cada vez que fizestes estas coisas a um dos Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes*” (Mt 25, 40) - não deviam permanecer um piedoso desejo, mas tornar-se um compromisso concreto de vida. O Filho de Deus entregou-se à morte e salvou todos os homens e simultaneamente uniu-os entre si, tornando-os responsáveis uns pelos outros, pelo que ninguém se pode considerar alheio ou indiferente à sorte de outro membro da família humana.

Em face da mentalidade individualista hoje difusa, urge contrapor o nosso empenho concreto de solidariedade e caridade, que tem início no seio da família, com o apoio mútuo dos esposos e depois com os cuidados que uma geração presta à outra. A família qualifica-se como comunidade de solidariedade. Muitas vezes, porém, sucede que, quando ela se decide a corresponder plenamente à própria vocação, se vê privada de recursos suficientes e de instrumentos eficazes de apoio quer na educação dos filhos, quer no cuidado dos anciãos, evitando o seu afastamento do núcleo familiar e reforçando os laços entre as gerações (*Centesimus annus*, 49).

Além da família, muitas outras sociedades intermédias desenvolvem funções primárias e constroem específicas redes de solidariedade que dinamizam o tecido social, impedindo-o de cair no anonimato e na massificação, infelizmente frequentes na sociedade moderna, e proporcionando a partilha dos bens a favor dos “últimos”, que foram objecto de predilecção por parte do Senhor Jesus, e como tal os legou à Igreja, que deles fez a sua opção preferencial.

7. “Aclamai o Senhor, porque Ele é bom, porque é eterna a Sua misericórdia” (Sl 118 (117), 1).

Hoje cantamos juntos, aqui nos Açores, este Salmo pascal da Igreja. Cantavam-no os discípulos de Emaús em seus corações, no caminho de regresso a Jerusalém, já depois de terem reconhecido o Senhor Ressuscitado, ao partir do pão. Continuaram-no os cristãos da primeira comunidade de Jerusalém, reunida à volta dos Apóstolos, e depois dela, as sucessivas comunidades que iam surgindo pelo mundo inteiro, então conhecido. De geração em geração este círculo ia-se alargando. *O cristianismo chegou à Península Ibérica, ainda nos tempos apostólicos*, e, muitos séculos após, de lá partiram as missões rumo aos Novos Mundos, frutificando primeiro aqui, nestas Ilhas que assinalam o extremo da Europa.

Em tantos lugares da Terra, em tantas comunidades, *se renova o encontro do Senhor com os discípulos no caminho para Emaús*. A Igreja vive com a Palavra de Deus e com a Eucaristia: abrem-se os olhos do coração e reconhecem o Redentor. E com esta abertura ao Senhor, as vozes humanas fazem ouvir em uníssono o *canto pascal de toda a Igreja*:

“Aclamai o Senhor, porque Ele é bom, / porque é eterna a Sua misericórdia”!